A PRÁTICA DOCENTE NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

ANDRÉIA CANTELLI MONARO

RESUMO

Por meio da revisão da literatura, foi possível discorrer acerca da prática dos professores na educação infantil e a importância da formação permanente do educador, bem como a mediação do profissional diante das brincadeiras, especificamente no que se refere à ludicidade. Partindo deste contexto, se faz necessário que as instituições de educação infantil tenham uma proposta curricular que atenda as necessidades das crianças, configurando-se como um instrumento de apoio para a atuação dos professores e as práticas de cuidar e educar. Para o desenvolvimento do trabalho foi realizada uma pesquisa bibliográfica baseando-se nos seguintes autores: Vera Bacelar, Sonia Kramer, Gilda Rizzo, entre outros que serão citados ao longo do trabalho, auxiliando-nos a ter um olhar observador sobre o tema.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil; Formação; Prática; Ludicidade.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como tema, analisar a importância da prática docente no contexto da educação infantil, sendo assim, o objetivo central é de nortear a prática do educador diante aos desafios da educação infantil.

Hoje a proposta curricular de algumas instituições de educação infantil é trabalhar com propostas diárias. Essas propostas incluem temas geradores de cultura e do cotidiano que procuram informar, advertir, criar e alertar, além de trabalhar as emoções, a linguagem e o raciocínio lógico.

Portanto, temos como base de estudo os seis direitos de aprendizagens contemplados na base nacional comum curricular, conviver, brincar, participar, explorar, expressar, conhecer-se. Para potencializar o artigo também foi realizada a revisão bibliográfica de conceituados autores para que responda a problemática desta pesquisa que é: Qual a importância da prática docente no contexto escolar?

Os objetivos específicos busca analisar a insegurança da ação profissional do docente, refletir sobre a formação permanente do educador frente aos novos conhecimentos e identificar abordagens diante das experiências vivenciadas pelas crianças por intermédio das brincadeiras.

Uma grande parcela da sociedade e inclusive parte dos profissionais da infância ainda acreditam que a educação infantil é um lugar de cuidado e de pouco aprendizado, dando valor apenas a partir da educação fundamental. Sendo assim, se mostra pertinente abordar sobre a importância da prática docente e sua formação continuada.

O professor molda os conteúdos a serem trabalhados de forma coletiva, colaborando para a formação social das crianças, de modo a favorecer a autonomia dos pequenos promovendo a busca para o desenvolvimento de habilidades e competências que como resultado culminará para o cumprimento do seu papel como cidadão.

2. DESENVOLVIMENTO

A Prática Pedagógica na educação infantil

As propostas elaboradas pelo professor na educação infantil são de suma importância para ajudar no desenvolvimento das crianças. Sendo assim, o educador planejará suas atividades por intermédio das vivencias culturais e sociais, brincadeiras, jogos, desenho, história, música, entre outros, na qual, as crianças irão tecer redes de significações. Essas propostas são desenvolvidas diariamente com a participação e avaliação das crianças.

Nas últimas décadas, vem se consolidando, na Educação Infantil, a concepção que vincula educar e cuidar, entendendo o cuidado como algo indissociável do processo educativo. Nesse contexto, as creches e pré-escolas, ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar – especialmente quando se trata da educação dos bebês e das crianças bem pequenas, que envolve aprendizagens muito próximas aos dois contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação. (BRASIL, 2018, p.36)

Seria um agradável ambiente de aprendizagem para as crianças. Mas acontece que nem sempre os professores desempenham o papel de mediador do conhecimento. Isso pode acarretar em algumas armadilhas, pois o trabalho do professor vai depender de como concebe a aprendizagem e os espaços para as brincadeiras.

Percebe-se que o direcionamento do trabalho do educador condiz com aquilo que ele carrega como "bagagem". Esta bagagem está relacionada com a sua trajetória de vida, ou seja, seus valores morais, ideologias, costumes, sua educação familiar, escolar, política, além das experiências de sua profissão.

Ensinar e educar são um ato que exercemos constantemente em nossas vidas. Todos sem exceção podem ensinar. A grande diferença é quando esta ação se torna uma profissão. Ser educador no contexto escolar é diferente de ser um educador por qualquer outro motivo. Não pode ser uma atividade eventual e mecânica, tem que ter intencionalidade.

Conhecer os próprios limites, enfrentar os problemas e expô-lo aos demais colegas e á equipe pedagógica são requisitos capazes de auxiliar os professores a perceber e a ultrapassar algumas defasagens ainda existentes entre a sua prática e a proposta pedagógica que a norteia. (KRAMER, 1989, p.86).

A relação com a criança não pode ocorrer dentro de um disciplinamento centrado nas normas e regras dita pelo professor. A postura do professor tem que atender as mudanças pedagógicas dos referencias curriculares. Àquele olhar de desaprovação, o dedo indicador apontando para o rosto, pegar pelos ombros, mandar baixar a cabeça, o castigo, já não deve (e nunca pôde) fazer parte deste contexto educativo.

Para atender às diversas necessidades das crianças aos seus níveis de aprendizagem é importante atentar para o que sugere a Base Nacional Comum Curricular.

Essa concepção de criança como ser que observa, questiona, levanta hipóteses, conclui, faz julgamentos e assimila valores e que constrói conhecimentos e se apropria do conhecimento sistematizado por meio da ação e nas interações com o mundo físico e social não deve resultar no confinamento dessas aprendizagens a um processo de desenvolvimento natural ou espontâneo. Ao contrário, impõe a necessidade de imprimir intencionalidade educativa às práticas pedagógicas na Educação Infantil, tanto na creche quanto na pré- escola. (BRASIL, 2018, p.36)

Cabe ressaltar que, a formação do sujeito-criança e a sua compreensão em relação às diferentes áreas do conhecimento ficará sob-responsabilidade de uma proposta pedagógica que alie uma concepção de criança como sujeito de direitos, cidadã, a qual é um ser que pensa, age, reflete e está situado em uma cultura, como também sob-responsabilidade do educador que fará a mediação com a criança do que se tenha planejado.

A formação inicial e permanente dos professores

A Educação Infantil é vista por alguns educadores como uma etapa que não necessita de planejamento e organização. Este pensamento é o reflexo da formação inicial do educador de educação infantil.

A história da formação de docentes para a Educação Infantil é bastante recente, pois não havia uma preocupação com esse nível de ensino e, consequentemente, muito menos, com a qualificação de seus professores.

Durante muito tempo, a professora de Educação Infantil era identificada e reconhecida, principalmente, pela sua afetividade, pelo seu dom maternal. Assim, reforçava-se a concepção de educadora, "forjada" por meio do seu perfil enquanto mulher, com o seu "dom de educar" inato. Essa qualificação profissional era específica para contratar o adulto á cuidar das crianças e interagir com elas.

De acordo com Rizzo (2003, p.38),

A educação pré-escolar do pobre continuou, ainda por muitos anos, sendo responsabilidade filantrópica, de caráter assistencialista e eventual, especialmente, e dependente das intenções das primeiras damas, que, na expectativa da falta do que fazer, ocupariam assim o seu tempo, dando vazão aos seus instintos de proteção à infância.

Deste profissional espera-se que tenha paciência, capacidade para expressar afeto e firmeza para conduzir as crianças. Pouco se exige de elementos mais elaborados acerca do desenvolvimento infantil. Os cargos eram subdivididos em berçarista, com conhecimentos e habilidades voltados ao desenvolvimento físico das crianças; recreacionista, especialistas em lazer para orientar á infância e professor polivalente que interajam com as crianças desde o nascimento.

Dessa forma, o modelo idealizado é traduzido em "tias" boas, pacientes, carinhosas, guiadas somente pelo coração e pela intuição.

No entanto, essa concepção, baseada na feminização do magistério que atribuía atributos de gênero, ao magistério infantil vem se modificando, sobretudo, a partir da regulamentação profissional e da inserção da Educação Infantil, como nível de ensino, na nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN).

A LDBEN foi um marco importante para o campo educacional, na ótica de alguns teóricos, pois instaurou um conjunto de reformas que vêm sendo implantadas e mobilizando vários setores educacionais, de modo mais específico, a formação docente dos profissionais da educação básica.

Ressalto os desafios inerentes ao exercício da profissão do educador e aponto alguns saberes necessários para o enfrentamento e superação das dificuldades, especificamente, na prática da educação infantil. Destaco a importância da arte e da ludicidade na formação e prática do educador, pois apresentam possibilidades de expressão e comunicação fundamentais para a relação educador/educando e, consequentemente, para o desenvolvimento de ambos. . (BACELAR, 2009, p.62)

Por outro lado, na atualidade, há certo consenso sobre a necessidade de formação, em nível superior, para os professores da Educação Infantil, pois o conhecimento, cada vez mais se torna complexo e diverso, demandando a necessidade de professores qualificados e competentes para atuarem em todos os níveis de ensino.

De acordo com Bacelar (2009, p.16),

Não nascemos sabendo fazer isso, o que implica que, para o educador, importa uma formação consistente, teórico-prática, para que possa expressar essa qualidade no seu cotidiano de trabalho educativo. O refinamento da sensibilidade não se fará somente de forma conceitual pela leitura de livros e diálogo sobre seus temas, --- com isso também, certamente ---, mas sobretudo por um treinamento cons-

tante e permanente de sua sensibilidade para "ver e ouvir" os gestos de seus educandos.

Podemos observar nos cursos de formação (Pedagogia e Pós-Graduação em Educação Infantil/2021) é que há uma grande preocupação em formar o educador pesquisador com posicionamento crítico. Diante de qualquer leitura e estudos voltados a diferentes abordagens possam refletir e discutir o que está sendo informado. Enfatizam também a importância do planejamento do seu trabalho, pois estabelecendo metas, estratégias não perdem o foco de seus objetivos. O planejamento aqui é entendido como instrumento orientador do trabalho docente, como norteador das intencionalidades das professoras e como possibilitador de proceder à ampliação e diversificação dos repertórios culturais das crianças.

Na formação de profissionais da educação infantil deveriam está presentes disciplinas de caráter lúdico, pois a formação do educador resultará em sua prática em sala de aula. Essas disciplinas ajudarão na formação e preparação dos educadores para trabalharem com crianças, assim: "o lúdico servirá de suporte na formação do educador, como objetivo de contribuir na sua reflexão-ação-refelxão, buscando dialetizar teoria e prática, portanto reconstruindo a práxis." (SANTOS, apud MATOS, 2013, p.8).

CAMPOS (1994) ressalta que a qualidade da formação oferecida atualmente merece total atenção. Estudos têm revelado que a formação do profissional da educação básica, nela incluída a pré-escola, deixa muito a desejar no Brasil. A baixa remuneração e a pouca qualificação, estabelecido na área requer, para que seja superado, o investimento nos dois lados da equação.

O que explica o baixo salário do professor é que, no Brasil, como em boa parte do mundo, o poder público é seu maior empregador e, portanto, a remuneração está intimamente ligada à receita pública per capita e à capacidade de mobilização desta categoria profissional. A remuneração depende, também, do prestígio da profissão, o que está intimamente ligado ao perfil do usuário. No caso do Brasil, a elite não coloca os filhos na escola pública; mesmo os professores, coordenadores pedagógicos e diretores de escola, sempre que possível, evitam matricular os filhos em escolas públicas. (PINTO, 2009, p.09)

No entanto, o que mais chama a atenção neste novo modelo de formação também é a exigência que o educador tenha originalidade, habilidades para realizar atividades variadas, que mantenha relações cordiais, acolhedoras e estimulantes com os seus alunos.

O papel do educador na educação lúdica

Embora, este trabalho seja o ideal a ser buscado, é difícil de ser atendida em curto prazo, principalmente, no campo da Educação Infantil que integra, há pouco tempo, a educação básica, no país. Mas isso não pode ser um impedimento para que o educador não renove sua prática.

O educador será um grande aliado da criança quando permite que as atividades propostas á elas sejam vivenciados em diferentes espaços da instituição. A escola deve ser um grande espaço de brincadeiras e vivencias uns com os outros, ampliando a cultura e o ajudando no desenvolvimento das crianças.

A instituição educacional, no caso, os institutos de formação de professores, deve, antes de tudo, respeitar o imaginar, o brincar de todo ser humano. Quando livres para criar, os indivíduos, segundo Win-nicott, veem, no estudo, um modo de exercitar o poder de invenção. Se, no entanto, o ambiente escolar não for aberto à brincadeira e à vivência da ludicidade, as aulas serão mais opressoras ou supostamente sérias, embotando o potencial criativo dos Estudantes. (LEAL, 2013, p.47)

Desde sua infância a criança é acompanhada pelo adulto e quando entra no sistema de ensino suas particularidades entram em conflito com o que é proposto por um novo adulto (até então desconhecido por ela). Novas regras, comportamentos, atitudes, gestos, entre outros, serão vivenciados pelas crianças no cotidiano escolar fazendo parte de sua jornada.

Para BACELAR (2009) "A ludicidade é de fundamental importância para o desenvolvimento da criança e, possivelmente por isso, a brincadeira tem sido uma questão bastante discutida por diversos teóricos, tais como Tizuko Kishimoto, Sanny Rosa, Brougère, D. W. Winnicott, dentre outros".

No estado lúdico, o ser humano está inteiro, ou seja, está vivenciando uma experiência que integra sentimento, pensamento e ação, de forma plena. Nessa perspectiva, não há separação entre esses elementos. A vivência se dá nos níveis corporal, emocional, mental e social, de forma integral e integrada. Esta experiência é própria de cada indivíduo, se processa interiormente e de forma peculiar em cada história pessoal. Portanto, só o indivíduo pode expressar se está em estado lúdico. Uma determinada brincadeira pode ser lúdica para uma pessoa e não ser para outra. (BACELAR, 2009, p.27)

O educador solicitado a cuidar ou a brincar com a criança deve ter um comportamento que condiz com a realização das brincadeiras. Ele deve estabelecer uma ordem ou regras para que não haja conflitos. Assim, deverá interferir nas brincadeiras quando necessário, não poderá interromper as brincadeiras com gritos e gestos indevidos, nunca deverá se mostrar impaciente ou ficar em constantes silêncios. O diálogo é importante para acrescentar o vocabulário e estimular a fala das crianças. O educador deve mostra-se atento, disposto, sensível e prestativo as solicitações das crianças, além de criar novas brincadeiras potencializando o brincar lúdico na educação infantil.

É preciso ampliar a nossa avaliação da importância de não somente propor atividades ditas lúdicas, mas, principalmente, permitir a vivência lúdica das crianças na Educação Infantil. Isso é uma necessidade para as crianças e se constitui em grande desafio para nós, educadores e educadoras, que lidamos, principal-

mente, com a faixa etária das crianças que ainda não falam. Isto porque este desafio exige, além de um conhecimento técnico especializado em relação a desenvolvimento infantil e ao processo de aprendizado, uma disponibilidade para a escuta sensível, uma observação mais cuidadosa das expressões psicocorporais, respondendo a elas também de modo cuidadoso. (BACELAR, 2009, p.31)

As brincadeiras devem se estender para além das salas de aula, explorando os espaços externos e até mesmo para dentro da comunidade, mostrando as crianças os riscos e perigos existentes em seu bairro e qual a melhor forma de lhe dar com estes, oferecendo-lhes alternativas de melhoria ou dando espaços para que elas mesmas digam o que fazer.

Na pós-modernidade a criança deixa de ser tabula vazia, de quem espera o adulto preencher seus vazios, e passa a ser co-construtor de conhecimentos, identidades e cultura, participando das tomadas de decisões democráticas contribuindo para os recursos e para as produções sociais.

A criança não precisa da autorização do educador para se opor a algo, pois desde o inicio de sua vida a criança é rica e engajada com o mundo para começar a aprender.

É possível colocar em relação tanto os saberes das crianças quanto os saberes dos adultos. Não se trata de uma pedagogia não diretiva, que supõe que o que as crianças precisam aprender já nasce com elas, que é inato a elas. Também não é o contrário, uma pedagogia diretiva, que percebe a criança como vazia, tabula rasa, cabendo ao adulto "preenchê-la" com os saberes já adquiridos por ele. (FOCHI, 2016, p.03)

O adulto muitas vezes solicitado a cuidar da criança cuida do seu próprio vir a ser, podendo até se sentir responsável pela vida da criança. Esta responsabilidade é transformada em cuidado preocupado de afastar tudo aquilo que atrapalha, abrindo um espaço para um caminho sem frustrações. Além de encontrar na criança suas limitações e possibilidades. A criança tem sua própria maneira de pensar, agir e vive o tempo todo exposto a riscos (que é natural do ser mortal). Assim, o educador responsável pela criança se adianta ao acontecimento, impedindo-as de correr maiores riscos, deve apenas proporcionar um olhar estimulador que acompanha a criança no seu desenvolvimento para a exploração do mundo.

As crianças podem internalizar o conhecimento ensinado por um momento, mas elas não são recipientes que meramente retêm o que é entornado em suas cabeças (KAMII, 2004 p.114).

Por isso, a criança pequena deve ser levada a sério. Ativa e competente, ela tem ideias e teorias que não só valem ser ouvida, como também merecem confiança e, quando for o caso questionamento e desafio.

Ela não existe apenas no lar da família, mas também nos ambientes mais amplos. Ela não é um inocente separado do mundo. Ao contrario disso, a criança pequena no mundo como ele é hoje, incorpora este mundo, é influenciado por ele, mas também o influencia e constroem significados a partir dele.

Através de uma vivência lúdica, a criança está aprendendo com a experiência, de maneira mais integrada, a posse de si mesma e do mundo de um modo criativo e pessoal. Assim, a ludicidade, como uma experiência vivenciada internamente, vai além da simples realização de uma atividade, é na verdade a vivência dessa atividade de forma mais inteira. (BACELAR, 2009, p.28)

Assim, é de direito de cada criança expressar-se e de viver plenamente sua infância, considerando suas características, diversidade cultural, etnia, gênero e sexualidade.

3. CONCLUSÃO / CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo buscou contribuir para um melhor entendimento das práticas do profissional de educação infantil, bem como a formação permanente aliada ao papel do educador.

São diversos motivos pelos quais os educadores se sentem desmotivados e desvalorizados na área da educação, no entanto, não se devem utilizar quaisquer questões desse contexto como desculpa para não elaborar propostas ricas e que garantem os direitos básicos das crianças.

Notou-se que a falta de capacitação desse mesmo profissional influenciam e muito no agravo da excelência na educação infantil. O despreparo do professor, currículos pobres e sem intencionalidade, a desmotivação do profissional, o desinteresse da família, somam-se aos principais fatores dessa prática assistencialista.

A educação sendo direitos de todos e ministrado com base no princípio de igualdade de condições para o acesso e permanência na escola, precisa levar em conta essas dificuldades diversas, precisamos pensar no coletivo e individualmente, ter um pouco mais de humanização e saber observar as necessidades específicas de cada aluno.

Precisa-se de mais pesquisas, estatísticas, ações conjuntas e participativas, assim, construir cidadãos críticos e incluídos na sociedade.

Por último, o artigo apresenta a necessidade de continuar a pesquisa, são diversos assuntos dentro deste tema que podem ser desmembrados e merecem uma profunda reflexão.

REFERÊNCIAS

BACELAR, Vera Lúcia da Encarnação. Ludicidade e educação infantil. 2009. BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular.

CAMPOS, Maria Malta et al. Educar e cuidar: questões sobre o perfil do profissional